

PROFESSOR ARIOSVALDO CAMPOS PIRES

A morte do professor Ariosvaldo Campos Pires deixa à mostra os componentes de valor desta rara figura que na sociedade atual conseguiu oferecer exemplos positivos às gerações com as quais viveu. Professor por formação, por vocação e convicção, os justos e merecidos sucessos que granjeou, jamais conseguiram comprometer a dedicação e o amor a essa Faculdade, que cultivou durante toda a vida como a grande matriz dos seus sonhos e ideais.

Uma expressão sintética definiria Ariosvaldo Campos Pires como um homem ético. A ética foi o fio condutor do comportamento em toda a sua existência. As glórias e os títulos sempre lhe chegaram como prêmios e reconhecimento à sua conduta de sabedoria e dignidade, amalgamada nos princípios de uma formação moral inquebrantável e de um ideal forjado na crença da liberdade e da justiça.

Como cidadão e chefe de família seu exemplo é inspirador de respeito e admiração.

Nas relações sociais, seu convívio agradável expandiu-se dos arroubos juvenis dos bancos acadêmicos, das campanhas entidades das estudantis, culturais e esportivas, até as relações maduras, sensatas e sempre prestimosas, que o conduziram à presidência do Minas Tênis Clube.

Sua formação docente, por outro lado, não se fez ao sabor do preparo afoito, mas pelo estudo contínuo e sistematizado em época na qual se procurava introduzir o novo modelo de formação da carreira de professor, por um trabalho cultural amplo e cuidadoso tal como exigido para o autêntico jurista. Ao mesmo tempo, abriam-se as portas para outros campos de revelação do seu preparo e competência. Se na tribuna do júri, foi orador elegante, de linguagem escorreita e argumentação impecável, na sala de

aula foi o professor que encantava os estudantes pela sabedoria das lições, desde o jovem aluno de bacharelado até os defensores das dissertações de mestrado ou das teses de doutorado. Seus profundos conhecimentos a todos eram transmitidos com suavidade e modéstia invejáveis.

Nas letras, seu estilo eskorreito acabou por levá-lo à Academia Mineira de Letras. Na vida profissional, o prestígio de grande advogado jamais empanou a convivência simples e amiga com os demais colegas, garantindo-lhe a liderança pela presidência da Ordem dos Advogados do Brasil, Seção de Minas Gerais, e o prestígio como presidente do Conselho Nacional de Política Criminal e Penitenciária do Ministério da Justiça.

No doloroso transe de sua morte, quando tantas manifestações de pesar afirmaram-se dessas mais diversas fontes, eis que assumiu dimensão maior, pela permanência e profundidade, a sua íntima ligação com a nossa Faculdade. Quando levado à sua Direção, o professor que durante toda a carreira docente marcou-se pela dedicação, disciplina e respeito invejáveis, vivendo o dia-a-dia das aulas e a convivência fraternal com os colegas e alunos, fossem quais fossem as altas posições que ocupasse, tivera então a oportunidade de revelar a sua mais íntima ligação com os pequenos e grandes problemas da Casa de Afonso Pena. Profundas foram as iniciativas concretizadas no curto período de um mandato, desde a retomada sentimental do antigo aluno com os velhos mestres, até as medidas singelas, porém ausentes na vida da instituição. Seu querido mestre, orientador e inspirador, Professor Lydio Bandeira de Mello, filósofo, jurista e escritor, não só passou a dar nome à Biblioteca da Faculdade, como recebeu a homenagem póstuma de um Congresso Internacional de Ciências Penais. O auditório maior da Faculdade passou a receber o nome do ex-diretor professor Alberto Deodato. Nas medidas propriamente administrativas, são destacadas a criação da logomarca

da Faculdade de Direito da UFMG, a confecção do seu estandarte, a criação de núcleos de pesquisa acadêmicos, a ampliação do uso da informática e o maior prestígio aos Cursos de Pós-Graduação. Inconformado com o demérito a que fora deixado o Movimento Editorial, destinado à publicação de trabalhos de professores e de alunos, cuidou do seu restabelecimento, dedicando-lhe espaço e organização condizentes. Desenvolveu esforços ingentes para recolocar no correto nível, do qual jamais poderia ter decaído, a Revista da Faculdade de Direito, fundada em 1894, ainda pelos próprios institucionalizadores da Faculdade, e para tanto enfrentou a grave prática da descontinuidade da sua publicação e o descaso de seu tratamento. Pela retomada de sua publicação, devolveu-lhe a periodicidade e conferiu-lhe o reconhecimento correto como instrumento de divulgação da elaboração científica de seus mestres e alunos, em expansão e permuta com as demais Universidades do Brasil e do estrangeiro, bem como com as destacadas autoridades judiciárias e administrativas relacionadas com o Direito no país.

Como amigo, marcou-se pela fidelidade nas relações com aqueles que com ele conviveram em maior ou menor intimidade. Aos que a ele recorriam em desespero, sem poder enfrentar os gastos com um defensor, recebeu e amparou, como advogado, sem distinções de tratamento. Nos anos de chumbo da vida política brasileira, quando professores e alunos eram arrastados ao tratamento inquisitorial, serena, segura e valentemente colocou-se aos serviços dessas vítimas por dedicação ao Direito e à Liberdade dos cidadãos perseguidos, e que nas circunstâncias, muitos deles eram seus colegas e alunos.

Ao baixar ao túmulo, o professor Washington Peluso Albino de Souza, destacado para levar-lhe as últimas palavras de sentimento em nome da Faculdade, assim se expressou:

“- Querido mestre e colega Ariosvaldo. Sempre dissemos, você, eu e os que acreditam e amam a nossa

Faculdade, que ela tem alma. Você é a expressão desta alma, pois encarna a sabedoria e os sentimentos ali cultivados por todos nós, mestres, alunos e servidores.

E, por que as almas não morrem, você continuará eternamente em nossas saudades e em nossa gratidão”.